

**MOBILIZAÇÃO SOCIAL EM MÍDIAS ALTERNATIVAS: O MOVIMENTO
GREVISTA DOS PROFESSORES DO PARANÁ NO BRASIL DE FATO E REVISTA
FÓRUM**

Priscila Santana Caldeira¹

Resumo:

A pesquisa estuda a mobilização social em mídias alternativas, especificamente o movimento grevista dos servidores públicos do estado do Paraná. O objeto da análise é a cobertura da versão online dos veículos alternativos Brasil de Fato e Portal Fórum de 27 de abril a 09 de junho de 2015, sendo o segundo momento da greve. Pretende-se discutir o papel da comunicação alternativa no exercício da cidadania dos trabalhadores que tiveram o direito à manifestação reprimido pelo Estado. O estudo é uma abordagem qualitativa por meio da Hermenêutica de Profundidade segundo Thompson. Destacam-se as obras de Beltrão, Grinberg, Peruzzo, Downing e Atton.

Palavras-chave: Mídia alternativa. Movimentos sociais. Cidadania. Identidades coletivas. Ativismo.

Tema e teorização da problemática

A temática do projeto para o qual se pretende dissertar refere-se à mobilização social em mídias alternativas. O objeto é a análise da cobertura da versão online dos veículos Brasil de Fato e Portal Fórum, de 27 de abril a 09 de junho de 2015. Ressalte-se aqui que na pesquisa irá se abordar o gênero informativo da referida cobertura.

Esse período de intensa mobilização dos trabalhadores da educação do Paraná se configura como o segundo momento da greve, com duração de 44 dias, e registrou 90% de adesão de educadores posicionados contrariamente à aprovação do projeto de lei que propunha a alteração do sistema previdenciário naquele Estado. A análise privilegia o “Massacre do dia 29”, quando as mobilizações de professores e manifestantes foram reprimidas com violência por parte da Secretaria de Segurança Pública do Estado.

Pretende-se responder a seguinte questão: Os veículos alternativos Brasil de Fato e Revista Fórum criam uma esfera pública alternativa ao cobrir o movimento grevista dos educadores do estado do Paraná? Em outras palavras, se quer compreender se estamos diante

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Unesp Bauru. E-mail: priscila.uepg@gmail.com.

de uma nova forma de comunicação, que seja plural e democrática, verificando o papel do jornalismo na construção da esfera pública.

A fim de responder tal questão será apresentado o conceito de esfera pública de Habermas (1984), para expressar a existência de um espaço amplo e democrático de debate. Também será trabalhado o conceito de cidadania, que servirá de base para uma posterior discussão a respeito do papel da comunicação alternativa no exercício dos direitos dos trabalhadores da educação que foram atacados e suprimidos pelo aparato estatal. Pelo fato de uma ação repressiva ter sido imputada a fim de se impor determinado ponto de vista, será utilizada a perspectiva de John Thompson (1998) na obra *Ideologia e Cultura Moderna*. Segundo ele, o poder simbólico é materializado na sociedade. A dinâmica social não é movimentada pela questão material apenas, há outros componentes como a capacidade de mobilização que também estão em jogo.

Boaventura de Sousa Santos (2010) se aproxima do pensamento de Thompson, quando considera que se deve trabalhar o conceito de cultura. Thompson diz que a sociedade não é única, aceita que existe luta de classe (não no sentido clássico). Boaventura de Souza Santos se aproxima muito da definição anterior quando apresenta o conceito de “Epistemologias do Sul”. Por ele Boaventura propõe construir um diálogo com o saber, por meio do levantamento epistemológico, da problemática e apontamento de hipóteses sobre o tema a ser estudado. Assim, ele defende que a sociedade não é monolítica nem massificada, tal como propusera a Escola de Frankfurt. Dentro dela se encontram lutas e posicionamentos bem antagônicos e diferenciados o que implica na aceitação da pluralidade social, seja ela a sociedade que for.

Boaventura, no entanto, aceita e identifica a existência de alguns alicerces claramente definidos e assentados no pensamento ocidental, considerados como base da sociedade do Norte. Seriam: o colonialismo, patriarcalismo e capitalismo. Tal tripé que precisa ser combatido nas epistemologias do sul. Assim, retomando Thompson se verifica que a sociedade é plural e palco de debates entre os diversos componentes que vivenciam seu cotidiano. Nesse sentido, cabe citar a imprensa alternativa, pois seria o meio possível para levar conhecimento progressista e contra-hegemônico à população. De certa forma tornaria viável atuar na elaboração de uma teoria do conhecimento na visão dos marginalizados, que

foi silenciada e/ou destruída pela ideologia hegemônica tal como definida por Boaventura de Souza Santos.

A mídia alternativa se revela como espaço de contestação, portanto, faz-se necessário pensar na elaboração de uma epistemologia da comunicação voltada aos marginalizados, à cidadania e movimentos populares, que possibilite um diálogo horizontal com multiplicidade de vozes, práticas e contextos sociais.

A proposta da mídia alternativa é se posicionar contra o jogo de forças de dominação. O “Sul” é concebido como metáfora que busca evidenciar as práticas e saberes deixados de lado historicamente pelo capitalismo em sua relação colonial com o mundo.

Nesse sentido, a presente pesquisa perpassará pelas obras de Beltrão sobre a comunicação de grupos marginalizados; pela conceituação de mídia alternativa, recuperando sua contextualização feita por Grinberg (1987), pelos conceitos de “comunicação popular e alternativa” de Peruzzo e Paiva, “mídia radical” de Downing (2002) e Atton (2001). Na base teórica sobre movimentos sociais e mobilizações sociais destacam-se as obras de Gohn. Serão abordadas as reflexões acerca dos conceitos de mídia, esfera pública e identidades coletivas feitas por Maia (2006).

Assim, pretende-se analisar se a comunicação alternativa cumpre seu papel de ampliar a voz de minorias. De maneira geral, se quer fomentar a discussão sobre imprensa alternativa e movimentos sociais. Propõe-se, então, verificar os tipos de fontes e o filtro ideológico presente na cobertura das ações do movimento grevista dos professores do Paraná na versão online do *Brasil de Fato* e *Portal Fórum* e averiguar as implicações do movimento na dinâmica social. Cabe à pesquisa verificar o tratamento dado por esses veículos alternativos na abordagem da repressão do governo diante do ativismo social de um movimento, que revelou sua capacidade de mobilização e obteve identificação e apoio da sociedade.

Marcos teóricos

A corrente investigativa da pesquisa se aproxima da Teoria Crítica da Comunicação Latino-Americana, que se baseia na investigação da estrutura e do conceito ideológico da

mídia, inserindo elementos do jornalismo, comunicação alternativa, a qual apresenta uma nova perspectiva de comunicação, protagonizada pelas classes subalternas.

Destacam-se as obras de Beltrão sobre a comunicação de grupos marginalizados, os quais elaboraram um sistema informal e horizontal de transmissão de mensagens por ele denominada de Folkcomunicação, ou seja, é uma teoria da comunicação por meio do folclore.

Segundo Oliveira (2009b, p. 4), os meios de comunicação, “em particular o jornalismo têm o papel institucional de servir como ‘timoneiros’ da sociedade”. Conforme o autor, o problema “é que esses tais ‘timoneiros’, longe das preocupações estratégicas de conduzir a sociedade pelo mar de conhecimento, comportam-se nesse novo contexto da indústria midiática como agentes imediatos do mercado financeiro” (OLIVEIRA, 2009b, p. 4).

De acordo com Moraes (2010, p. 188), a grande mídia fabrica o consenso, de modo a insistir que não há saída fora dos pressupostos neoliberais. “No reinado neoliberal, ocorre um processo brutal de desregulamentação, de depreciação do papel do Estado como âmbito de representação pública, de esvaziamento da sociedade civil e de enfraquecimento dos laços comunitários” (MORAES, 2010, p. 193).

A fim de propor uma reconstrução da esfera pública, o jornalismo alternativo apresenta uma perspectiva a partir dos valores “da igualdade de oportunidades, da equidade, da democracia radical e da subordinação dos interesses econômico-privados aos interesses coletivos” (OLIVEIRA, 2009b, p. 6). Segundo o autor, não se trata apenas de defender os valores da democracia institucional, mas romper com o cerco da agenda de fontes oficiais, “pela plena referência na produção das informações no sujeito-cidadão e não no sujeito-consumidor”. Com o intuito de transformar a sociedade, os grupos de oposição fazem a utilização dessa mídia, de modo a desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico.

O conceito de hegemonia introduzido por Antonio Gramsci (apud COUTINHO, 1999) vai além do de cultura que se constitui da visão de mundo da sociedade de uma época, por indagar sobre as relações de poder, e ultrapassa o conceito de ideologia – concebida como sistema de representações, normas e valores da classe dominante –, porque envolve um processo social vivo, no qual as representações se organizam por meio de práticas sociais dominantes. “Uma característica básica do conceito gramsciano de hegemonia é a afirmação de que, numa relação hegemônica, expressa-se sempre uma prioridade da vontade geral sobre

a vontade singular, ou, em outras palavras, do interesse comum sobre o interesse privado” (COUTINHO, 1999, p. 225).

Para Gramsci, ao “intelectual orgânico” cabe construir visões de mundo diferenciadas das elites dominantes. Por isso, assumirá um destacado papel na formação e construção do partido político.

Fazendo um paralelo com John Downing (2002), essa figura seria interpretada como o comunicador/ativista que estaria integrado às classes subalternas para fomentar uma contra-hegemonia, conceito referente à categorização de tentativas de superação da hegemonia e construção de uma proposta alternativa em relação àquelas ligadas ao bloco histórico dominante. A comunicação entre pessoas ativas se constitui como peça fundamental da mídia radical, que é a alternativa para romper com a lógica midiática hegemônica. Essa mídia é, em geral, “de pequena escala e sob muitas formas diferentes que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002, p. 21).

A consideração de que os espaços de discussão acontecem de forma ampliada e que a produção midiática (mídia tomada em seu sentido amplo) é aberta a membros da sociedade, indica a existência de novos “protagonismos” de mídia. A presença da tecnologia tem contribuído com o novo processo de construção e produção, que coloca o cidadão como sujeito participante e, conseqüentemente, estimula uma interação entre artistas e produtores de mídia alternativa. O ativista teria por objetivo criar formas participativas de gestão da informação e de formação política, no que se refere à articulação de estratégias de comunicação alternativa nas lutas que desenvolvem.

Chris Atton (2001) afirma que a mídia alternativa não se expressa apenas pela forma diferenciada de produção e distribuição. Sua radicalidade pode ser interrogada pelo caráter multidimensional, sendo uma perspectiva que privilegia a sobreposição e intersecção de dimensões. O jornalismo alternativo rompe com a lógica de que o receptor seja um mero consumidor das mensagens.

Nesse sentido, as chamadas minorias passam a adquirir “voz”. Segundo Raquel Paiva (2005, p. 1), uma das características de uma minoria é a luta contra-hegemônica, “pois uma minoria luta pela redução do poder hegemônico, embora em princípio sem objetivo de tomada do poder pelas armas”. Esses setores buscam inserir suas informações nas mídias hegemônicas, de modo a expressar suas visões à opinião pública.

No momento em que se amplia a comunicação, o debate e a conversa pública sobre temas, a mídia radical abre espaço para que a diversidade cultural se expresse livremente. Nesse sentido, a partir de referências da cultura popular se constrói uma esfera pública radical, que tem a informação e o estímulo do debate como essência. Diante da exposição de que a esfera pública alimenta a mídia alternativa e é alimentada por ela, e do fato de a produção midiática (no sentido amplo, como defende Downing) não ser tarefa pontual de alguns “membros” da sociedade, leva-se a crer que outro terreno de relação social está sendo construído.

A existência de uma audiência ativa não só modifica a relação de monopólio da informação, quando se trata de profissionais da mídia, mas também amplia a concepção para a formação de novos “protagonismos” midiáticos. O jornalismo alternativo se define tanto pelo processo como pelo produto (ATTON, 2001, apud OLIVEIRA, 2009^a, p. 8), não apenas por uma expressão formal.

A fim de melhor compreender a repressão ao movimento grevista, foco da pesquisa, feita pelo aparelho estatal, irá se recorrer à concepção de ideologia de Thompson (1998), bem como a sua metodologia da Hermenêutica de Profundidade (HP). Segundo o autor, o poder simbólico funciona dentro da sociedade e se forma via comunicação, sendo o grande fator de transformação social. Haveria, assim, uma disputa pela implementação de sentido na sociedade.

Desta forma, o autor demonstra que uma construção simbólica exige interpretação, havendo a necessidade do uso das formas de investigação hermenêutica. Primeiro, deve-se fazer uma análise sócio-histórica do objeto; depois uma análise formal, que perpassa pela discursiva, sintaxe, conversação, estrutura narrativa e argumentativa. Na sequência, deve ser dado enfoque a interpretação ou reinterpretação, de modo a explicar o que é dito ou representado.

A análise de veículos populares mostra-se central porque permitirá identificar o embate cultural-ideológico do contexto em que são subtraídos direitos.

Hipótese

A hipótese teórica central é que o Brasil de Fato e o Portal Fórum criam uma esfera pública alternativa à medida propiciam voz às minorias, atuando na defesa do direito à greve e servindo como espaço de questionamento das estruturas de poder. Transpondo-a em questões mais concretas: Por meio da análise do texto, foi realizada uma contextualização sócio-histórica do verdadeiro motivo da greve? As fontes consultadas nos textos representam de fato o trabalhador da educação que milita em defesa da asseguaração de direitos, que aponte para considerar essas mídias como “cidadãs”? Qual espaço dedicado nas publicações online para as fontes que representam servidores e professores ou até mesmo lideranças de movimento sindical dos profissionais da Educação? Quantas foram as menções diretas a fontes? E qual a categorização das mesmas (tipos)?

Os redatores das matérias pertencem a algum movimento? Em que medida as raízes de surgimento dos veículos (o Brasil de Fato, por exemplo, é vinculado ao MST e Via Campesina) influencia na cobertura do tema proposto?

Todas essas questões são necessárias para se compreender em que medida as mídias alternativas estudadas se configuram como verdadeiramente democráticas, utilizando a comunicação de forma plural e preocupada com a emancipação do ser humano. A partir disso, haverá condições de apontar as semelhanças e diferenças entre os dois veículos, foco de observação na pesquisa.

Técnicas de investigação

A amostra da pesquisa foi definida de acordo com a fase mais expressiva e de maior adesão que o movimento grevista dos professores do Paraná registrou: de 27 de abril a 09 de junho de 2015. Foram 44 dias de duração, com 90% de adesão de educadores, posicionados contrariamente à aprovação do projeto de lei que propunha a alteração no sistema previdenciário naquele Estado.

No protesto contra essa medida – sobre a qual a categoria de servidores alegou que seria colocada em risco a sustentabilidade da Previdência estadual – os professores acamparam no Centro Cívico da capital paranaense, onde se localiza a Assembleia Legislativa e a sede do governo.

Em 29 de abril, quando os deputados estaduais decidiram votar o projeto, foi montado um cerco com aproximadamente 1.100 policiais militares. E, por volta de duas horas, os policiais dispersaram os manifestantes com bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e cães, mesmo depois deles terem recuado. Ainda durante o bombardeio os deputados aprovaram as mudanças na ParanáPrevidência e o projeto de lei foi sancionado pelo governador Beto Richa menos de 24 horas após o protesto, que deixou mais de 200 pessoas feridas.

Desta forma, o universo de investigação da pesquisa que cita Lopes (2003, p. 144) pode ser definido “como um conjunto de unidades (pessoas ou não) tornadas fontes de informação ou informantes da pesquisa”. Conforme alerta a autora, é necessária uma reflexão crítica e adequada dos critérios de seleção e sua representatividade de acordo com o tipo de pesquisa. O presente projeto se baseia em amostra não-probabilística: “Neste caso, a amostra é dita significativa ou de representatividade social (não-estatística), e os métodos de tratamento dos dados são qualitativos” (LOPES, 2003, p. 145).

Portanto, a amostragem foi delimitada de modo a ser possível a verificação do tratamento dado por dois veículos de proposta alternativa a essa manifestação pública dos profissionais da Educação do estado do Paraná, reprimida com o uso da força pelo aparato estatal. Toda a cobertura noticiosa publicada no Brasil de Fato e Portal Fórum de 27 de abril a 09 de junho de 2015 será objeto de análise.

Pela facilidade ao acesso, o material jornalístico será obtido por meio das versões online das publicações do jornal Brasil de Fato – que também conta com edições impressas semanais, e do Portal Fórum, cujo formato digital é exclusivo desde 2014.

Método de pesquisa

A fim de analisar se os dois veículos alternativos de fato criam uma esfera pública alternativa ao cobrirem a repressão imputada ao movimento grevista dos professores do Paraná, utilizará o método da Hermenêutica de Profundidade (HP) de John Thompson (1998).

Trata-se de um referencial metodológico que inclui um processo interpretativo complexo, o qual busca cercar o fenômeno pesquisado por meio do seu contexto sócio-

histórico e espaço-temporal. Também permite análises de discurso, de conteúdo, bem como enfatiza a ideologia como “vertente social importante, conferindo um caráter potencialmente crítico à pesquisa” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 87).

Na Hermenêutica de Profundidade são propostos sentidos.

Mas para isso precisaremos argumentar e debater, num exercício de racionalidade argumentativa e comunicativa (...) Por esta razão, o autor é considerado um dos principais interlocutores de Habermas, no mundo de língua inglesa. Trata-se de construir uma análise plausível, dentro de um paradigma compreensivo; não de acessar e revelar a verdade, mas de fazer uma leitura qualificada da realidade tal qual ela se apresenta, no nível do sentido apreendido do fenômeno, no campo investigado (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 87).

A HP é composta por três etapas, que são complementares entre si: análise sócio-histórica (contextualização), análise formal ou discursiva (análise temática e identificação de formas simbólicas nos discursos), interpretação ou reinterpretação (construção do significado).

O interesse pela ideologia orienta a análise a fim de identificar as relações de dominação: “(...) o interesse da HP irá centrar-se naquelas relações em que o sentido opera a ideologia” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 89).

A capacidade de intervenção no curso do acontecimento – repressão aos trabalhadores que se manifestavam durante a greve – deixa claro que o poder simbólico se forma via comunicação.

Além da produção de conteúdo ter sido mobilizada pelos líderes do movimento sindical de professores, os próprios ativistas produziram materiais. A possibilidade de usar telefones celulares, tanto para fazer imagens quanto para veiculá-las em tempo real ou quando muito, com segundos ou minutos de diferença com relação aos acontecimentos, foi usada como forma de proteção contra a violência policial.

Do ponto de vista de Thompson, todo o processo é pautado pela comunicação. Seria uma disputa de implementação de sentido na sociedade. O Estado, para ele, recria os fatos históricos, resgata simbologia e a população aceita, porque esta tem entendimento do sentido e do contexto. Há todos os instrumentos para manipular a mobilização.

Na visão de Thompson, o espaço público está constantemente ocupado, ou seja, ele desaparece. Sem perceber há o jogo das relações de poder. O poder da comunicação transmite ideias e símbolos.

Nesse sentido, será possível estabelecer categorias que permitam verificar o sentido transmitido na cobertura de dois veículos alternativos, de forma a demonstrar aspectos ideológicos nos textos jornalísticos. Pode-se citar: cidadania, direito à greve e liberdade de informação.

A análise da publicação online do periódico ocorrerá mediante a referência da pesquisa metodológica utilizada pelos autores Noam Chomsky e Edward Hermann. Eles verificam a presença de cinco filtros que influenciariam na construção da notícia: porte e propriedade dos meios de comunicação, propaganda, fontes, bateria de reações negativas e ideologia do anticomunismo. Neste trabalho serão utilizados dois desses filtros, o das fontes para averiguar a natureza das que foram consultadas nas coberturas e o filtro ideológico, que possibilita verificar uma postura não mercantilizada e contra-hegemônica. Também com os dados obtidos, verifica-se se houve ou não relação da postura ideológica do veículo com a utilização de fontes.

Referências

ATTON, Chris. **Alternative media**, London: Sage, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança – Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHOMSKY, Noam. **Controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda**. 1ª ed. Graphia, 2003.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical - Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. 2ª ed. Ed. Senac. São Paulo, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e Redes de Mobilizações Civis no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil – movimentos sociais, ONGS e redes solidárias**. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, Abril de 2006.

GRINBERG, Máximo Simpson. **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERMAN, Edward, CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público**; tradução Bazán Tecnologia e lingüística. São Paulo: Futura, 2003.

LAGO, Cláudia; MACHADO, Márcia Benetti (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (orgs). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 247 p.

MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

OLIVEIRA, Dennis de. Conceitos de Jornalismo Popular e Alternativo. In: **I Curso de Difusão Cultural em Jornalismo Popular e Alternativo**. Revista Alterjor. São Paulo: CJE-ECA, 2009ª.

OLIVEIRA, Dennis. **Jornalismo alternativo**: o utopismo iconoclasta (Trabalho apresentado no VII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de Jornalismo – SBPJor). São Paulo: ECA/USP, 2009b. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/dennis_de_oliveira.pdf. Acesso em: 30 ago. 2015.

PAIVA, Raquel. **Cinco anos de pesquisa em Comunicação e Cultura de Minorias**, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0665-1.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2015.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cecilia M Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

QUEM SOMOS. [São Paulo]. [2011]. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/1>. Acesso em: 30 jul. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Hermenêutica de Profundidade na**

11^o interprogramas de mestrado FACULDADE CÁSPER LÍBERO

pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, n. 02, p. 85-93, maio/ago 2006. Disponível em: < http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6019/3194>. Acesso em: 30 ago. 2015.